



O ENIGMA DE SHAKESPEARE

Conde Emmanuel de BENNIGSEN

Se um dia o leitor visitar Stratford-on-Avon para homenagear a memória de Shakespeare na sua cidade natal, ficará, provavelmente muito surpreendido ao verificar até que ponto tudo quanto ali está ligado ao nome do grande escritor é posto em dúvida. Os conhecedores do assunto asseguram que nem a casa de Shakespeare, nem o seu próprio jazigo na igreja local têm relação alguma com ele. Somente a inscrição do livro paroquial assinalando o nascimento do poeta é indiscutida. E, entretanto, uma visita a Stratford, essa jóia da época isabeliana, onde tudo se fez para evocar a mínima recordação do artista, não fez mais do que redobrar o interesse pelo dilema das suas obras. É inegável que Stratford está na iminência de se tornar a Bayreuth inglesa, onde, anualmente, os melhores artistas britânicos representam as obras primas do mestre, representações que têm a assistência de milhares de espectadores vindos de todas as partes do mundo. Em 1937 o número de espectadores foi de 200.000 e muitos dentre eles regressaram a seus lares com redobrado interesse pelo enigma de Shakespeare.

Essa história é conhecida. Depois de Lawrence, em 1769, e Hant, em 1848, admitiram a hipótese de que o verdadeiro autor das obras de Shakespeare fora o chanceler Francis Bacon. W. H. Smith escreveu, em 1857, um livro apoiando essa tese, que inaugurou todo um movimento literário. Na verdade, o mundo indaga como é que um ator que nada tinha aprendido, que mal sabia assinar o nome e em cuja casa, após a sua morte, não se encontrou nenhum livro, tenha podido ser o autor de todas essas geniais peças assinadas com o seu nome e que teriam exigido dele os mais

profundos conhecimentos nos mais variados domínios da ciência. Além da alegação, inegavelmente justa, de que Bacon era suficientemente instruído para ser o autor das obras de Shakespeare, Smith baseava a sua tese principalmente na semelhança existente entre os estilos dos dois autores. Os discípulos de Smith exageraram muito nesse ponto, o qual é facilmente refutável pelo lógico raciocínio de que as particularidades de estilo peculiares a Bacon e a Shakespeare não eram, na realidade, mais do que particularidades do estilo da própria época, conforme se verifica em todos os outros escritores daquele século. Entretanto, a disputa entre “baconianos” e “shakespearianos” ainda não terminou e, atualmente, existem sociedades e jornais cujo único fim é defender uma ou outra dessas teses.

Mas além de Bacon, foram apresentados mais três candidatos à imortalidade. O alemão Bleibtzen, em 1907, e o professor belga C. Demblon, em 1912, atribuíram as obras de Shakespeare a Rogério Mannes, 15º Conde de Rutland. Em 1920, J.Th. Looney apontou Eduardo de Vere, 17º Conde de Oxford, ao passo que já antes o professor Abel Lefranc, do Colégio de França, tinha afirmado que as obras de Shakespeare eram produto da pena de William Stanley, 6º Conde de Derby. Todas essas hipóteses provocaram apaixonadas polêmicas, que, entretanto, não dearmaram os autores. Recentemente, o professor Lefranc escreveu um prefácio para o livro de seu aluno Mathias Morhardt, “Ao encontro de William Shakespeare”, no qual reafirma, com novos argumentos, sua antiga tese, a cujas pesquisas dedicou muitos dos últimos anos.

Lefranc é de opinião que com o estudo aprofundado, o contraste entre a personalidade de Shakespeare e a sua obra torna-se cada vez mais evidente e mais incompreensível. Uma das provas mais clamorosas desse contraste está no elemento político das suas obras concernentes à época contemporânea. Nelas se encontram, constantemente, alusões a questões de Estado e de partidos que então inquietavam os espíritos. O teatro, que outrora era considerado como nada tendo a ver com a atualidade, tornou-se naquela época o fiel espelho da vida. É assim que “Hamlet” cujo argumento foi tirado de uma velha crônica dinamarquesa, representaria a história da infortunada Maria Stuart. Essa idéia já fora expressa, em fins

do século XVIII, pelo sábio inglês Plemptre, mas seus trabalhos só foram encontrados há uns quinze anos. Como a rainha de “Hamlet”, Maria Stuart foi suspeitada de ter envenenado o primeiro marido, o rei Francisco II de França, e de ter tomado parte no assassinio do segundo, Darnley, após cujo assassinio ela desposou o conde de Bothwell. E da mesma maneira que “Hamlet”, seu filho Jacques, o futuro rei da Inglaterra, não soube vingar o pai nem salvar a mãe.

Todas essas alusões, entre outras a cena do intermédio, na qual a rainha pinga gotas de veneno no ouvido do real esposo, maneira pela qual Maria Stuart teria envenenado Francisco II, só poderiam, pensa Lefranc, ser do conhecimento de pessoas bem ao corrente dos fatos da Corte, o que não era o caso de um vulgar histrião como Shakespeare. Partindo dessa idéia, Lefranc chega à conclusão de que, sob a máscara de Shakespeare se encontra o conde de Derby, graças a uma indicação histórica por ele descoberta. Alguns anos antes da morte de Isabel, o Papa se interessou em saber quem poderia herdar o trono da velha rainha, desejando que esse candidato não fosse um protestante fanático. A princípio tinha-se pensado no conde de Derby, mas essa candidatura encontrou objeções, entre as quais a de que ele teria escrito peças de teatro, que fazia representar sob outro nome. Sendo, então, o teatro o único local onde se podia falar ao público a respeito de questões políticas sob uma forma velada, é que Derby utilizou o palco para relembrar à sociedade inglesa o direito dos seus ancestrais à coroa.

A vida desse Derby era escassamente conhecida até há pouco tempo, mas as pesquisas feitas nos últimos anos permitem que se façam certos paralelos entre ele e os heróis de Shakespeare. Assim, Lefranc encontrou, estudando “Loves Labours Lost”, certos traços biográficos de Derby. Sabe-se que a ação dessa peça transcorre na corte do rei Navarra. Lefranc estabeleceu que o argumento dessa comédia foi copiado do natural na corte de Henrique IV em Nerac. A princesa francesa da comédia seria a célebre rainha Margot, que em 1579 chegou a Nerac para resolver com Henrique, seu marido, que ela abandonara, a questão da Aquitânia, que tinha sido o seu dote.

Lefranc verifica que os costumes da côrte, o castelo e mesmo os jardins são apresentados com uma fidelidade histórica realmente surpreendente. O sábio professor encontrou nos arquivos de Nerac os planos dos jardins do castelo a que se refere a comédia (atualmente não resta mais nada dessa construção) e ficou admirado com a semelhança existente entre eles e os da comédia, e deduziu que somente uma pessoa que tivesse vivido na côrte poderia reproduzi-los com semelhante exatidão. Ora, Shakespeare jamais saiu da Inglaterra, ao passo que o jovem Stanley passou três anos na França. Embora faltem provas precisas de sua estada em Nerac, Lefranc chegou a essa conclusão graças a um detalhe curioso. Na comédia há uma cena dedicada às “Nine Worthies”. Esses nove heróis da antigüidade estavam, também, reproduzidos nos “panneaux” que outrora adornavam as salas do castelo de Nerac. Além disso, Lefranc encontrou uma peça inglesa sobre os referidos nove heróis e parece que seu autor foi Ricardo Lloyd, antigo preceptor do jovem Stanley, a quem teria acompanhado na viagem à França.

Foi na França, também, que o autor das obras de Shakespeare deve ter ouvido o caso reproduzido na cena do enterro de Ofélia, e que na realidade sucedeu com Helena de Thornon, uma das damas de honra de rainha Margarida de Valois. Abandonada pelo noivo, o Marquês de Varambou, a jovem morreu de tristeza e só no momento do enterro é que o infiel reapareceu, para cair desfalecido diante do ataúde. Stanley deve ter sabido desse episódio, ao qual há uma alusão também em “Loves Labours Lost”, em França, onde foi narrado pela rainha Margarida nas suas memórias, publicadas cinqüenta anos mais tarde. Mas Lefranc não se limita apenas a essas coincidências: fez pesquisas nos arquivos do “Star Chamber”, antigo tribunal especial para a alta aristocracia.

Sabe-se que em “As alegres comadres de Windsor” Falstaff é julgado por caçar em terreno alheio por esse tribunal. Supunha-se que o próprio Shakespeare tivesse sido julgado por esse mesmo crime no referido tribunal, mas não se podia compreender como um simples trabalhador pudera ser citado ante tão alta Corte. Lefranc, porém, encontrou os autos do processo de Stanley, que foi julgado por esse crime atribuído na comédia a Falstaff, pelo juiz Proctor. Ora, na primeira edição da comédia

o juiz tinha justamente esse nome; somente mais tarde é que ele foi substituído pelo de Shalllow.

Para Lefranc há mais uma prova da identidade de Stanley e Shakespeare: nas peças deste encontram-se inúmeras referências ao condado de Warwick, onde se encontravam as propriedades de Stanley. Pelo contrário, a região de Stratford, onde Shakespeare passou a juventude, não é citada em nenhuma delas.

Finalmente, Lefranc cita o sábio norte-americano Soler, que tendo trabalhado nos arquivos de Derby, encontrou o modelo original de Malvólio da “Twelfth Night”, do Polônio, de “Hamlet” e de Oswaldo do “Rei Lear”. Teria sido o velho administrador dos Derby, William Farington, o modelo desses personagens. Era um desses mordomos hereditários, orgulhosos de seu posto e que tudo faziam para realçar a pompa da casa dos amos. Parece que esse fiel servidor de Stanley está fielmente pintado na figura de Malvólio.

São esses os novos argumentos com que Lefranc quer provar que o autor das obras de Shakespeare não poderia ser outro senão W. Stanley. Poder-se-á partilhar dessa afirmativa? Parece que já no tempo da rainha Isabel se sabia que às vezes o modesto ator Shakespeare ocultava atrás de si personagens muito mais altamente situados. Quando em 1601, por ocasião da conspiração do conde de Essex, um dos conjurados pagou quarenta “shillings” a Shakespeare, então diretor do Teatro do Globo, para representar a “Tragédia de Ricardo II”, publicada cinco anos antes, esse conjurado foi executado. Mas o aparente autor da peça, na qual se viu uma alusão à sorte que poderia aguardar a velha rainha, não foi incomodado.

Mas disso à certeza de que Shakespeare não foi autor das peças por ele assinadas há um abismo que provavelmente jamais desaparecerá, e Lefranc não foi, na sua tentativa, mais feliz do que seus antecessores. Mas, por outro lado, não se deveria (e parece que esta idéia tem inúmeros partidários mesmo nos mais ortodoxos círculos shakespearianos) admitir que muitas dessas peças tenham sido enviadas a Shakespeare por vários grão-senhores que não desejavam que seus nomes fossem divulgados? Entretanto, Shakespeare não teria sido apenas

o encenador dessas peças, as quais, primitivamente, teriam outro valor. Ele as teria adaptado à cena e lhes imprimiria a nota peculiar do seu gênio. O estilo dos dramas de Shakespeare, dizem os conhecedores, não é uniforme, o que seria uma prova de suas diferentes origens, mas poder-se-á afirmar que sem Shakespeare teríamos tido as obras primas que ostentam o seu nome?

Em suma, é bem pouco provável que o enigma de Shakespeare possa algum dia ser decifrado; mas seja qual for a solução, a grandeza de sua obra jamais será diminuída.

“O Estado de São Paulo”, 17 de Julho de 1938).